

## **Sentidos sobre o Quilombola na Editoria de Economia do Jornal O Globo em 2018<sup>1</sup>**

José Adriano de SOUZA JUNIOR<sup>2</sup>

Alexandre Monteiro de CARVALHO<sup>3</sup>

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ

### **RESUMO**

O artigo tem como objetivo a realização de uma análise discursiva, que por meio do contexto do quilombola na editoria econômica do jornal O Globo possibilita o entendimento dos sentidos promovidos na mídia em 2018. Categoriza em formação discursivas que atribuem sentido pelas ocorrências e associações da palavra “quilombola” em um mecanismo de busca. Por tanto, busca-se o estímulo a pensar temas quilombolas na comunicação para minar preconceitos, constrangimentos e desrespeito aos direitos garantidos na Constituição de 88.

**PALAVRAS-CHAVE:** análise de discursos; quilombola; comunicação; impresso.

### **Introdução**

A análise de discursos é um dos campos da pesquisa em Comunicação que passa por um processo de desenvolvimento e aprimoramento contínuo nos últimos anos. O entendimento de discursos definidos como parte de práticas sociais implica nesse processo epistemológico. A mídia adquire centralidade em muitos âmbitos da vida cotidiana, como um discurso e na prática do mesmo. “Os participantes nessas práticas assumem papel de sujeitos, no duplo sentido de assujeitados às determinações do contexto e de agentes das ações de produção, circulação e consumo dos textos” (PINTO, 2002). Assim, o intuito acima para a importância de se analisar discursos, põe-se em evidência pois, desvenda uma multiplicidade de sentidos sobre o texto e seus efeitos interferentes ao sujeito, informações que podemos obter através da mídia, ressaltando o jornal impresso que é o destaque para esse artigo.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo do XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de junho de 2019.

<sup>2</sup> Graduando em Jornalismo na UFRRJ, Bolsista MEC-SESu do PET-Etnodesenvolvimento e Educação Diferenciada (UFRRJ), e-mail: [joseadrianojr@outlook.com](mailto:joseadrianojr@outlook.com)

<sup>3</sup> Orientador do Trabalho. Professor Tutor do Grupo MEC-SESu PET-Etnodesenvolvimento e Educação Diferenciada (UFRRJ), e-mail: [amcarvalho.ufrj@gmail.com](mailto:amcarvalho.ufrj@gmail.com)

---

Entender os sentidos da palavra quilombola no contexto econômico no impresso, como propõe a produção acadêmica, é um exercício de aperceber do lugar o qual a mídia está ocupando através de seus textos sobre o assunto, e de criticar relações de poder moldadas através das práticas discursivas jornalísticas. Para Araujo e Cardoso (2007) os enunciados, textos e discursos, ao mesmo tempo que são possibilitados pela existência de um contexto, produzem um efeito constitutivo sobre estes mesmos contextos, pelo poder que a linguagem tem de constituir realidades (ARAUJO e CARDOSO, 2007). Logo, esse movimento constitutivo é engrenagem fundamental para que as realidades narradas no impresso possam existir na forma retratada pelo estudo.

Comunidades quilombolas travam uma luta pelo direito ao território, que vai de encontro com interesses do agronegócio de monoculturas em expansão pelo país subordinado a lógica da cidade-industrial e ao capitalismo em geral, como explica Monte-Mór (2004) quando cita a mudança sofrida pelo campo:

O campo, por sua vez, espaço privilegiado da vida e da produção agrária, perdeu seu caráter potencialmente autossuficiente após sua subordinação total à cidade industrial. Esta subordinação do campo à cidade significou abranger não apenas o âmbito da produção e da realização do produto, mas também sua dependência face às crescentes demandas no campo por produtos, tecnologias e serviços ofertados pela cidade. (MONTE-MÓR, 2004)

A exploração do campo pela agroindústria e outras tecnologias atingem povos e comunidades tradicionais, em evidência os quilombos, levando ameaças aos territórios quilombolas que no contexto do grupo étnico não representam só a terra como domínio, porém também garante a (r)existência da vida e práticas sociais ali estabelecidas. Reforça não ser uma só questão de posse, mas cultural e de dívida histórica com a população negra.

Assim o já citado autor Monte-Mór é complementado perante a lógica do território étnico de forma afirmativa por Torres:

ao falar em território quilombola, é necessário, reconhecer que o direito à propriedade a transcende, configurando-se como um direito étnico-cultural. Privado da terra, o grupo tende a se dispersar e a desaparecer, sugado pela sociedade envolvente. Portanto, não é só a terra que se perde, pois, a identidade coletiva também tende a sucumbir. (TORRES, 2009).

Segundo o artigo 68 da Constituição de 1988 atribui a garantia de que aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida à propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos (BRASIL,1988). O procedimento de regulamentar identificação, reconhecimento, demarcação e titulação (BRASIL, 2003) tem como base um decreto assinado pelo ex-presidente Lula em 20 de novembro de 2003, data mesma que se comemora o dia da Consciência Negra e oficializa a titulação de terras. Com a titulação, a comunidade admite o compromisso de a terra não ser dividida, vendida, loteada, arrendada ou penhorada. Colocando em ação o que tratou o artigo 68 do ato das disposições constitucionais transitórias.

Atualmente, como pauta econômica o quilombola tem importância no contexto, pois vai contra aos interesses capitalistas dos empresários da terra, porém, quase não são vistos em espaços de fala por demandas silenciadas motivados por interesses sócio-políticos e econômicos da classe dominante. O silêncio da mídia hegemônica perante maioria das pautas desse grupo étnico é visto como estratégico, porque como explica Orlandi (1990) o que não-dizer sobre algo traz à tona questões políticas:

o silêncio fundador não recorta: ele significa em si. E é ele, afinal, que determina a política do silêncio: é porque significa em si que o ‘não-dizer’ faz sentido e faz sentido determinado. É o silêncio fundador, portanto, que sustenta o princípio de que a linguagem é política. (ORLANDI, 1990)

Ao falar de questões políticas, remete-se à noção da linguagem ser espaço de lutas e negociações fazendo com que vozes, em sua pluralidade de interesses e posições diferentes de classes sociais, como a voz quilombola, estimulem que a linguagem seja uma arena de embates sociais, na qual são propostas, negociadas e ratificadas ou recusadas as relações de poder (ARAUJO e CARDOSO, 2007). Nesse processo de construção do real nas arenas discursivas, associado ao poder simbólico Bourdieu (1997) atenta para a responsabilidade do jornalista de lidar com o ‘não-dizer’, mesmo que de forma subentendida, no processo de apagamento de pautas e demandas, no caso quilombola, que poderiam chegar a sociedade em geral fortalecendo suas lutas:

A essa formidável censura que os jornalistas exercem, sem sequer saber disso, ao reter apenas o que é capaz de lhes interessar, de “prender sua atenção”, isto é, de entrar em suas categorias, em sua grade, e ao relegar à insignificância ou à indiferença expressões simbólicas que mereceriam atingir o conjunto dos cidadãos. (BOURDIEU, 1997).

Isso significa que o impacto dos sentidos é algo relevante pois, mobiliza muitas esferas discursivas que interferem na formação de práticas da vida do sujeito. E, para poder exemplificar isso buscou-se esquematizar formações discursivas e entender as considerações da mídia sobre o assunto quilombola. Vendo a necessidade de compreensão dos sentidos do lexograma “quilombola” em um recorte das narrativas jornalísticas publicadas em 2018 no jornal O Globo considerando apenas a editoria de economia, que até então, representa valor ao artigo.

Diante disso, o presente estudo clama por mais estudos de análise de discursos sobre o quilombola, e incentiva para que a própria população tradicional tome posto das ações e pesquisas comunicacionais para que sejam fortalecidas suas ancestralidades, tradições e espaços de participação democrática para cidadania.

### **Discurso impresso.**

O jornal impresso O Globo por ter uma grande relevância de público em contexto nacional, foi selecionado entre outros, para essa pesquisa, sendo um dos principais jornais de referência dos brasileiros. O veículo é consolidado no mercado midiático, o ‘Caderno Economia’, como exemplo, tem 453.000 Mil leitores e tem circulação impressa de 286.944 exemplares nos dias úteis e 352.516 exemplares aos domingos, segundo dados captados no site da Info Globo. No presente estudo foi utilizado a versão impressa do jornal, porém com acesso ao material digitalizado pelo ‘Acervo O Globo’ que é um repositório de jornais disponíveis apenas para assinantes do veículo. Dispondo de jornais desde de sua primeira edição em 1925 até os dias atuais (INFOGLOBO, 2018).

Pertencente ao Grupo Globo, a subsidiária Info Globo conta na editoria de economia do seu principal jornal, já supracitado, com o perfil de leitores que atinge das classes sociais 18% da A; 43% da B; 31% da C; e 8% das classes D e E juntas. Sendo majoritário o interesse da classe A e B somados, representado 61% dos leitores. A faixa etária dos leitores é equilibrada, assim pode-se mencionar de maneira realçada um interesse de 23% de 30 a 39 anos, e 27% com pessoas mais de 60 anos, ou seja, adultos estão mais engajados na leitura do que os jovens adultos de 20 a 29 anos que representam 7% dos assinantes/leitores. O grupo é bem dividido quanto ao sexo, sendo 50% masculino e 50% feminino e a escolaridade predominante é de 59% com ensino superior (INFOGLOBO, 2018).

---

Constata-se que o tema economia ainda tem predominância de leituras das classes mais financeiramente bem abastecidas, que pode representar uma cultura discursiva hegemônica mais ligado ao capital do que ao bem-estar geral da população. Segundo Silva (2012) hegemônias são forjadas, reproduzidas, mantidas, contestadas e transformadas a partir das práticas discursivas (SILVA,2012). E se, a prática discursiva do jornal impresso estiver mantendo a hegemonia, como uma grande influência nos direcionamentos ao público? Isso trata dos contratos de leitura estabelecidos definido por Véron, citado por Silva (2012) sendo mostrada a definição do “contrato de leitura como sendo o dispositivo de enunciação que comporta a imagem que o enunciador faz de si mesmo, a imagem que ele constrói de seu destinatário, e a relação entre o enunciador e o destinatário” logo Véron (2004 apud SILVA,2012) diz:

O conceito de contrato de leitura implica que o discurso de um suporte de imprensa seja um espaço imaginário onde percursos múltiplos são propostos ao leitor; uma paisagem, de alguma forma, na qual o leitor pode escolher seu caminho com mais ou menos liberdade, onde há zonas em que ele corre o risco de se perder ou, ao contrário, que são perfeitamente sinalizadas (Véron, 2004 apud SILVA,2012).

O contrato é um combinado entre o leitor e o impresso, como um trato estabelecido segundo as regras de proposta por quem faz o enunciado. Porém, é reajustado em conceito por subjugar que haja um certo nível de igualdade nas condições de acesso a temática economia para outras classes, seja por quais motivos forem. Então neste sentido, o conceito de endereçamento em Bakhtin (2010, apud SILVA,2012), considera que “o enunciado se constrói levando em conta as atitudes responsivas, em prol das quais, em essência, ele é criado”, seria mais adequado para dar conta de um panorama no qual o sujeito público não é apenas receptor com apenas a dialética de aceitar as mensagens ou não a ele direcionada, mas com papel ativo excluindo um modelo mecânico de entendimento do contexto.

Ao tratar da metodologia utilizada, vê-se a análise de discursos como a mais adequada para compreender como a língua e a comunicação fazem sentido pois, “a análise de discursos procura descrever, explicar e avaliar criticamente os processos de produção, circulação e consumo dos sentidos vinculados aos produtos culturais criados por eventos comunicacionais” (PINTO, 2002). Sendo o texto jornalístico impresso, um escolhido para trabalho entre uma variada gama de produtos culturais que nada mais são de acordo com Pinto (2002) “entendidos como textos, formas empíricas do uso da linguagem verbal, oral

---

ou escrita, e /ou outros sistemas semióticos no interior das práticas sociais contextualizadas histórica e socialmente (PINTO, 2002).

Indo de acordo com o último escrito supracitado, Orlandi (2005) diz que o sentido “enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e sua história” (ORLANDI, 2005). Logo, inclui o texto compreendido e remissivo aos sentidos formados das palavras ou abertos a novos olhares segundo o contexto.

Para o analista, segundo visão do autor Pinto (2002), “todo texto é híbrido ou heterogêneo quanto a sua enunciação, no sentido que ele é sempre um tecido de ‘vozes’ ou citações cuja a autoria fica marcada ou não, vindas de outros textos preexistentes, contemporâneos ou do passado” (PINTO,2002). Esse conceito de ‘heterogeneidade enunciativa’ corrobora com o que Orlandi (2005) diz sobre a causa dos diversos sentidos que permitem a produção do discurso do texto:

Segundo essa noção, não há discurso que não se relacione com outros. Em outras palavras, os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros. Todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo e contínuo (ORLANDI, 2005).

A partir da noção de formação discursiva (FD) proposta por Orlandi (2005), procura-se “compreender o processo de produção de sentidos, a sua relação com a ideologia e também dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso” (ORLANDI, 2005). E as formações discursivas são constituídas pela contradição, são heterogêneas pois não se limitam às fronteiras de espaço e tempo quanto as suas relações com/pelo sujeito. Podem se alterar de acordo como o sujeito quando interage com o sentido, levando a palavra para além do que significa na forma literal da língua lida e do dicionário. Isso não categoriza, segundo a autora, que apesar desse processo não se limitar à fronteiras, não significa que ele não seja passível de estagnação em algum momento de determinada época de seu processo de significação.

A plataforma do ‘Acervo o Globo’, dá a possibilidade de fazer buscas de suas páginas de jornais identificando a palavra escolhida em um campo de busca e filtrando informações como escolha de período das publicações, de edições, de editorias, de cadernos e suplementos sobre uma gama de temas ligados às editorias. Dessa forma, foi utilizado esse mecanismo de pesquisa para levantar um trabalho de lexicometria, que

busca um vocábulo e sua frequência de aparição em textos ligado ao termo “quilombola”. Logo após, houve a restrição do termo apenas em produtos vinculados a editoria de economia do jornal. Após o procedimento de primeira ordem quantitativa, busca-se fazer ligações dos significados encontrados, ao passo que se estabelecem sentidos dando valor à pluralidade de sentidos nos contextos que sejam vistas a palavra “quilombola” e outros como “quilombo”.

O termo “quilombola” em uma visão primeira costuma ter sentidos de resistência, lutas sociais, tradição e ancestralidade, porém em certas camadas preconceituosas da sociedade ganham sentidos pejorativos infelizmente atribuídos. Logo, nem todos os sentidos serão os mesmos quanto à editoria de economia.

### **Formações Discursivas: um movimento de análise.**

Ao realizar a busca na plataforma de curadoria de jornais do Infoglobo foram localizados como resultados da pesquisa em primeiro momento 179 resultados encontrados para o período de 2018 de janeiro a dezembro. A distribuição em sua maioria se dividia nas editorias de ‘Cultura’, com 16 páginas encontradas e 33 citações da palavra buscada; e a editoria ‘Economia’ com 8 páginas encontradas e 25 citações. Ao estudo somente interessa a última editoria mencionada, pois é o contexto onde há pretensão de se entender, uma vez que já havia um entendimento prévio de que o quilombola estaria mais retratado nas questões culturais do que econômicas, dando finalizada a busca de forma mais quantitativa somando o encontro de 8 textos. Já os textos encontrados foram analisados para a identificação das formações discursivas possíveis no universo do conjunto de narrativas pesquisadas. Assim, é possível atribuir sentidos a cada uma das formações ocorridas. Interpretando os dados levantados.

O referente trabalho não se propôs a verificar outras semióticas, nesse primeiro processo de análise, porém pretende continuar a pesquisa para ampliar o conhecimento não limitado apenas à unidade texto, e em outro momento buscar mais escopos para agregar cada vez mais à pesquisa através da análise de discursos.

Das 25 aparições da palavra “quilombola” nos 8 textos apurados, 6 textos traziam o quilombola associado a segmentos de textos que o punha retratado como um impedimento burocrático e ambiental para a exploração da energia e da monocultura de cana de açúcar ou soja para o país, sendo possível a visualização da primeira formação discursiva (FD1). Na FD1 pode se observar enunciados como: “interferem em terras

indígenas e quilombolas”, “resistência aos projetos”, “retração na área cultivada”, “falta de abastecimento de energia”.

O quilombola também é ligado a questões de proteção e resistência no espaço que habita em 3 textos. Dando forma a FD2 os enunciados observados foram: “queda na próxima safra”, “ações judiciais de por impactos no meio ambiente e nas comunidades”, “conscientização das empresas sobre questões raciais”, resistência aos projetos”.

Em 2 textos houve uma imagem positiva do quilombola quanto ao seu potencial de desenvolvimento econômico do turismo de base comunitária que aliado a isso, promovia uma maior interação com a tecnologia para valorizar o trabalho feito nos territórios quilombolas através de um aplicativo, e na disposição de qualificação profissional. Como alguns exemplos, os enunciados da FD3: “empresa criada após caso de racismo”, “rede de turismo da cultura negra”, “Critério de compactuar com valorização e o respeito à cultura negra”, “pacotes e passeios relacionados a cultura negra”.

De forma preliminar, sem análises semióticas até a apresentação do artigo obteve-se a seguinte tabela (**Tabela 1**):

**Tabela 1:**

Quantidades de textos os quais o "quilombola" aparece associado ao sentido de:	
SENTIDOS DE FD's	Nº DE TEXTOS
Atraso para economia	6
Símbolo de resistência	3
Desenvolvimento econômico	2

É plausível ressaltar que no conjunto de 8 textos, há possibilidade de um dos textos fornecerem mais de uma formação discursiva, dando abertura a mais de um sentido.

### **Considerações Finais**

O quilombola foi apresentado na mídia através do impresso do Grupo Globo em 2018 de forma dominante como um atraso para economia do país. Sem generalizar como um retrato total da mídia sobre o assunto, o quilombola aparenta ser deixado de lado quanto à discussão econômica que ultrapassa a fronteira de seu território, mesmo tendo o direito à terra garantida na constituição de 88 como já foi visto, e seus processos de titulação em andamento.

Explora-se pouco nas narrativas jornalísticas seu potencial com o turismo de base comunitária que ajuda no sustento das famílias e também no papel fundamental da

preservação do meio-ambiente que, no geral, povos e comunidades tradicionais promovem para todos brasileiros. Como consideração, não deixa de se enxergar um processo de gentrificação e apropriação de áreas para plantio visando apenas o lucro. Orlandi (2005) mostra que aquilo que não foi dito durante o discurso também influencia. Os termos, pautas, escolhas editoriais implicam no silenciando outras escolhas que poderiam produzir sentidos em outras direções (ORLANDI, 2005).

Cabe notar que nenhum quilombola foi fonte consultada durante os textos analisados. Espera-se nesse primeiro resultado estimular cada vez mais novas pesquisas, e promover espaços de fala para o quilombola ter representações melhores a ele atribuída.

## Referências

ARAÚJO, I e CARDOSO, J. **Comunicação e Saúde**. Rio de Janeiro, Ed. Fiocruz, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>.

\_\_\_\_\_. **Decreto Nº4887** de 20 de novembro de 2003. Presidência da República. Brasília, DF: 2003. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/2003/D4887.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/D4887.htm)>. Acessado em 10 de abril de 2019.

INFOGLOBO.O **Globo**. Disponível em: <<https://www.infoglobo.com.br/Anuncie/ProdutosDetalhe.aspx?IdProduto=69&Sexo=3&Faixa=5&Classe=4&Atividade=1&Pagina=1>> Acesso em: 02 de março de 2019.

MONTE MÓR, R. L. M.. **A relação urbano-rural no Brasil contemporâneo**. In: II Seminário Internacional sobre o Desenvolvimento Regional, 2004, Santa Cruz do Sul, RS, Brasil. II Seminário Internacional sobre o Desenvolvimento Regional. Santa Cruz do Sul, RS: UNISC - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional Mestrado e Doutorado, 2004.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: Princípios e procedimentos**. 3. Ed. Campinas: Pontes, 2005.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 3. Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

PINTO, Milton José. **Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos**. São Paulo: Hacker, 2002.

---

SILVA, Luiz Martins. Sociedade, esfera pública e agendamento. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia (orgs.). **Metodologias de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

TORRES, Fernanda Carolina. **O Direito ao Território Quilombola como Direito Étnico e Cultural frente ao Programa “Titulação” do ITER-MG**. Brasília: MDA-NEAD, 2009. Disponível em: <[http://www.iica.int/Esp/regiones/sur/brasil/Lists/DocumentosTecnicosAbertos/Attachments/422/O\\_direito\\_ao\\_territ%C3%B3rio\\_quilombola.pdf](http://www.iica.int/Esp/regiones/sur/brasil/Lists/DocumentosTecnicosAbertos/Attachments/422/O_direito_ao_territ%C3%B3rio_quilombola.pdf)> Acesso em: 27/03/2019 às 22:54